

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

WILLERMART, Philippe (org.), (1995). *Gênese e Memória*, Anais do IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições, São Paulo, Annablume.

O Encontro foi realizado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo (USP), de 29 de agosto a 1º de setembro de 1994.

A Associação de Pesquisadores de Manuscritos Literários (APML), de que é Presidente o Prof. Dr. Philippe Willemart, vem desenvolvendo na USP notável trabalho no respeitante à Crítica Textual, em particular no referente à Crítica Genética. Já se realizaram quatro Encontros e o quinto se acha em processo de organização. Os presentes Anais dão bem a dimensão do que tem sido a fecunda atividade da Associação. Compareceram numerosos especialistas do Brasil: *São Paulo*: 13 (PUC) + 3 (UNICAMP) + 28 (USP) + 8 (UNESP), ao todo 52; *Rio de Janeiro*: 1 (BN) + 1 (FCRB) + 1 (LLP) + 1 (UERJ) + 7 (UFRJ) + 3 (UFF), ao todo 14; *Paráíba*: 1 (CJAm) + 9 (UFPB), ao todo 10; *Bahia*: 1 (UC-SAL) + 3 (UFBA), ao todo 4; *Minas Gerais*: 9 (UFMG); *Rio Grande do Sul*: 1 (PUC); *Santa Catarina*: 1 (UFSC).

De Portugal: 2 (Un. Porto) + 2 (Un. Nova de Lisboa), ao todo 4. Da Argentina, 3 (UN. de Buenos Aires). Da Itália, 1 (Esc. Norm. Sup. de Pisa). Da França, 3 (ITEM-CNRS) + 2 (Un. de Paris), ao todo 5. Do Canadá, 1 (Un. College, Toronto).

O *Sumário* compreende as seguintes partes: Abertura, Gênese e Ciências, Manuscrito e Documentação, Práticas de Edição, Poética da Escrita. As conferências, em número de 4, foram proferidas pelos seguintes professores: Louis Hay (ITEM-CNRS) “La mémoire des signes”; Luís Fagundes Duarte (Un. Nova de Lisboa) “Prática de Edição: Onde está o Autor?”; Nelson Friedler Ferrara (Inst. de Física, USP) “O texto literário como sistema complexo” e Almuth Grésillon (ITEM-CNRS) “Aux limites de la genèse de l’écriture théâtral à la mise en scène”.

*

MOURA, Carlos Francisco (1993). *O descobrimento do Japão pelos portugueses 1543*, Rio de Janeiro, Real Gabinete Português de Leitura, 64 págs.

O livro é dedicado ao saudoso Mestre Agostinho da Silva, “que, com o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, da Universidade de Brasília, deu início no Brasil aos estudos luso-nipônicos”. O historiador Carlos Francisco Moura é pesquisador de alto nível, nosso melhor conhecedor das relações culturais luso-nipônicas e integra atualmente o corpo diretor do recém-criado Instituto Luso-Brasileiro de

História, do Liceu Literário Português. Na “Apresentação”, o Dr. Antônio Gomes da Costa destaca, com a costumeira pertinência, as principais fontes em que se abeberou o A.: “textos extraídos do *Teppô-ki* (Livro das Espingardas), da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, do *Tratado dos descobrimentos* de Antônio Galvão, da *Década Quinta* de Diogo do Couto e da *História da Igreja do Japão* do Padre João Rodrigues Tçuzzu”. Consta o trabalho das seguintes partes: Apresentação, O achamento do Japão, Os que descobriram o Japão ao mundo, Imprensa da missão portuguesa nos séculos XVI e XVII, Bibliografia de temas luso-nipônicos e afins.

A contribuição do Prof. Carlos Moura é estudo sério, bem fundamentado e se ocupa de assunto ainda mal conhecido, qual seja a presença pioneira dos navegantes portugueses em terras do Extremo Oriente. Por todos esses motivos e mais alguns é livro que merece maior difusão, para melhor compreensão do que diz respeito à maior potência do mundo asiático em suas raízes mais profundas.

*

MACEDO, Antero de (1995). *Amor sem mácula*, Rio de Janeiro, Pallas.

O A. nasceu em Portugal, mas veio muito moço para o Brasil, onde continuou os estudos e profissionalizou-se. Da saudade da pátria e do amor ao Brasil surgiram estes versos repassados de um lirismo puro (“sem mácula”) e sincero. Fica por testemunho da perene fraternidade luso-brasileira.

*

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de (1995). *Camões, o desconcerto do mundo e a estética da utopia*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 186 págs.

O Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho é sabidamente um de nossos mais devotados camonistas. A sua edição da obra lírica do genial vate lusitano, quaisquer que sejam as críticas que lhe possam ser feitas (em questão de Crítica Textual nunca há unanimidade), já em terceiro volume publicado pela Imprensa Nacional / Casa da Moeda, de Lisboa, é contribuição poderosa quer no tocante ao delicado problema da atribuição de autoria (a 1ª edição da *Lírica* é póstuma, 1595, toda baseada em apógrafos, pois não se conhecem autógrafos do Poeta), quer no que diz respeito à fidedignidade do texto. De sua constante e zelosa aplicação no estudo da produção camoniana é fruto mais este volume em que Mestre Leodegário se aprofunda na análise do sentido da criação poética do *buon e dotto Luigi*. São os seguintes os capítulos do livro: Normas de transcrição textual, Introdução, Sobre o cânone lírico de Camões, As oitavas sobre o desconcerto do mundo, O desconcerto do mundo e a estética da utopia, A utopia bucólica da vida simples, Conclusão, Bibliografia.

O tema da Utopia retornou com maior intensidade e frequência ao campo filosófico-literário, em especial após a implosão do Império Soviético, que levou a uma reclassificação do marxismo revolucionário, que teve de passar da categoria de “socialismo científico” para a de “utopia moderna”. Mas, é claro, não é dessa natureza a utopia camonianiana e sim a da utopia clássica do *locus amoenus*, eco distante da nostalgia do Paraíso Perdido e jamais reencontrado. A não ser nos versos bucólicos das églogas virgilianas ou camonianas, de que Leodegário também se ocupa. Livro para ler com sabor e proveito.

*

MÁTTHESIS, revista da Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa, Viseu 1995.

Consta o Índice de duas partes: I - Línguas, Literaturas e Culturas (16 artigos) e II - Formação, Pedagogia e Didáctica (6 artigos). Como são muitos os artigos, selecionaremos, a título de amostragem, alguns que dizem mais de perto com a área dos estudos lingüísticos: *O mundo clássico em Eugênio de Andrade*, de Maria Helena da Rocha Pereira; *Recreação Filológica*, de Walter de Medeiros; *Sobre a organização do Livro I da “Compilação” das obras de Gil Vicente*, de Jorge A. Osório; *O prólogo ao livro de José de Arimatéia e o pergaminho de Riba d’Âncora*, de Ana Cristina Almeida; *A pragmática lingüística e os novos programas de portugueses*, de Ana Cristina Macário Lopes.

Este volume de 340 págs, como o demonstra a qualidade dos artigos publicados, é bem representativo do alto nível acadêmico atingido pela Universidade Católica Portuguesa.

*

SERRA, Tânia Rebelo Costa (1994). *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos*, Rio de Janeiro, Edições do Departamento Nacional do Livro, da Fundação Biblioteca Nacional, 553 págs.

Tânia Serra é presentemente professora de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília, onde se formou. Doutorou-se em Letras pela New York University, tendo sido seu orientador o nosso preclaro crítico literário Wilson Martins, então lecionando na referida Universidade. Foi assim que surgiu a idéia e a realização deste estudo, que procura recuperar uma visão crítica mais justa da obra literária do “Dr. Macedinho”, empresa que teve seu ponto de partida em artigos de Temístocles Linhares vindos a lume na *Revista do Livro*, 1958/59. Os dois Macedos são para Tânia Serra o da 1ª fase, o *Macedo das Mocinhas*, que termina em 1867, e o da 2ª fase, a do *Macedo dos Adultos*, que se estende de 1867 a 1882, ano do seu falecimento. Num dos prefácios ao livro, salienta Wilson Martins que a Profª Tânia Serra

"realizou por conta própria um levantamento exaustivo de livros e publicações esparsas (como se vê nos Apêndices) de que nem eu, nem certamente os historiadores e críticos tinham qualquer conhecimento" (p. 9). Eis aí um filão a explorar pelos nossos especialistas em edições de textos modernos, para um estudo crítico de cunho genético ou mesmo voltado para a fixação de um texto fidedigno.

*

HEYE, Jürgen, Org. (1995). *Flores Verbais*, Homenagem Lingüística e Literária para Eneida do Rego Monteiro Bomfim, no seu 70º aniversário, Rio de Janeiro, Departamento de Letras, PUC-Rio, 414 págs.

Esta coletânea de estudos, em que compareceram colegas, amigos e alunos da Profª Eneida Bomfim, na passagem do seu septuagésimo aniversário, é justo preito de amizade, admiração e reconhecimento a quem vem dedicando frutuosamente toda uma vida ao estudo e ao ensino. A sua carreira docente foi realizada, em nível universitário, na PUC-Rio, onde permanece no desempenho exemplar de seus deveres magisteriais. Professora assídua, sempre atenta ao constante enriquecimento da disciplina que abraçou, a língua portuguesa, soube captar sem dificuldade, pela seriedade do magistério e segurança de conhecimentos, a confiança e estima dos alunos. Durante quase uma década, foi Coordenadora de Pós-Graduação do Departamento de Letras e hoje é decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas. Dispensável acrescentar que tem orientado numerosas dissertações de Mestrado e teses de Doutorado.

O conteúdo do volume se desdobra em duas partes. A primeira, a maior, destinada a contribuições sobre Língua Portuguesa e Lingüística e a segunda sobre Literatura Portuguesa, ao todo 30 trabalhos.

A apresentação material do volume é elegante e de muito bom gosto e reflete excelentemente o nível dos artigos que o compõem. Parabéns, portanto, também ao seu organizador, Prof. Dr. Jürgen Heye.

*

WEHLING, Arno (1994). *A invenção da História* (Estudos sobre o historicismo), Rio de Janeiro/Niterói, Universidade Gama Filho/Editora da Universidade Federal Fluminense, 260 págs.

O Prof. Dr. Arno Wehling é uma das personalidades mais representativas da atual geração de historiadores brasileiros. Recentemente eleito para presidir os destinos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o seu pecúlio cultural é garantia bastante de uma administração séria, eficiente e brilhante, na linha de seus antecessores. Não podia, portanto, ter sido mais bem inspirado o ato que o pôs à frente do

novel Instituto Luso-Brasileiro de História, do Liceu Literário Português, onde veio juntar-se à equipe dos que trabalham constantemente pela preservação e enriquecimento de um patrimônio cultural que tem suas raízes no solo histórico da lusitanidade.

O livro é uma longa reflexão filosófica, explorada em terreno científico, sobre o conceito de História, centrado na clave ideológica do *historismo* ou *historicismo*. O termo parece ter surgido em fins do século passado, num estudo de Karl Werner sobre Vico. O Prof. Wehling vê três fases no percurso epistemológico do termo, a saber: a) *Historicismo filosófico*, compreendendo a produção dos filósofos do séc. XVIII, até as obras de Kant e Hegel; b) *Historicismo romântico*, compreendendo a produção dos intelectuais contemporâneos do Romantismo até cerca de 1850 e corresponde ao apogeu do anti-racionalismo; c) *Historicismo cientificista*, compreendendo a produção da maioria dos cientistas sociais entre 1850 e a Primeira Guerra Mundial, através das etapas do positivismo, do evolucionismo e do marxismo. O sentido geral do historicismo é, pois, o de seu caráter anticartesiano, por conseguinte anti-racionalista.

No estudo dessas fases sucessivas e de suas repercussões em terra brasileira é que se vai desdobrando o trabalho do Prof. Wehling, e disso evidentemente não nos podemos ocupar nesta breve notícia. Por isso iremos limitar-nos à enumeração dos seus capítulos, abertos com um Prefácio, também de indispensável leitura: A temática do historicismo; A temática do cientificismo; Tempo e História nas diferentes culturas; Um problema epistemológico iluminista: a sucessão histórica nos quadros de ferro do paradigma newtoniano; Kant e o conhecimento histórico (a idéia de história e a sociedade no século XVIII); Filosofia, metodologia e teoria da história: uma delimitação pelas respectivas origens; Em torno de Ranke: a questão da objetividade histórica; Tocqueville e a razão histórica; O historismo e as origens do Instituto Histórico; Capistrano de Abreu: a fase cientificista.

*

QUADRANT, nº 12, 1995. Revista publicada pelo Centre de Recherche en Littérature de Langue Portugaise, da Université Paul-Valéry-Montpellier III.

A revista é dirigida pelo eminente luso-brasiliense, Prof. Dr. Adrien Roig, que já esteve entre nós, participando do Congresso Internacional da Língua Literária Portuguesa, promovido pelo Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português. É uma ponte cultural de alto valor entre a França de sábios humanistas e as duas grandes pátrias lusófonas, mais unidas que separadas pelo Atlântico.

O Sumário contém os seguintes artigos: *Peligros de amor y trampas de lenguaje: DOM DUARDOS de Gil Vicente*, de Maria Rosa Álvarez-Sellers; *De la boulangère et du forgeron: un exemple de langage érotique dans l'oeuvre de Gil Vicente*, de Olinda Kleiman; *Un ouvrage oublié sur le Portugal et ses eaux thermales*, de Christophe Gonzalez; *Le langage poétique de PAULICÉIA DESVAIRADA de*

Mário de Andrade, de Adrien Roig; *La métaphore obsédante de la stalactite dans TRABALHO POÉTICO* de Carlos de Oliveira, de Marie Frances-Dumas; *Titrologie de la fiction néo-réaliste*, de Maria Graciete Besse; *Um sonho Drummondiano: O Arquivo-Museu de Literatura*, de Eliane Vasconcelos; *Autour du nom dans O CHÃO SALGADO* de Maria Isabel Barreno, de Paulo Alexandre Jorge dos Santos; *Mia Couto: A LENDA DA NOIVA E DO FORASTEIRO ou la quête de la Mozambicanité*, de Francis Utéza; *A BARRAGEM, récit inédite*, de João de Melo. Seguem-se três comptes rendus e uma "position de thèse".

Com mais este número continua de parabéns o Prof. Dr. Adrien Roig.

*

REVISTA LUSO-BRASILEIRA, nº 3, de 1995, Rio de Janeiro.

É mais um número da Academia Luso-Brasileira de Letras, que tem por Coordenadores os nossos colegas Kepler Alves Borges, Presidente da Academia, e Francisco Silva Nobre, Secretário Geral.

A matéria do presente número é variada e de especial interesse e está assim distribuída: artigos, discursos acadêmicos, poesia. São os seguintes os artigos e respectivos colaboradores: *Luso-Brasilidade* (editorial), Sylvia da Costa Alves Borges, *D. João VI no Brasil*; Rosa Garcia, *Resplendor da Poética na História e na Literatura Camoniana*; F. Silva Nobre, *Centenário da morte de um peta bizarro*; Antônio Gomes da Costa, *Eça: 150 anos*; Fernando Corrêa de Sá Benevides, *Atualidade de Oliveira Martins*; Marcos Ribeiro Corrêa, *Guerra e Paz*; Luciana Barbosa Nobre, *Desabafo*; Dino Willy Cozza, *Dom João II, Construtor do Império Lusíada e Arquiteto do Brasil*; Fernando Sampaio, *Euclides da Cunha*; Cléa Gervason Halfeld, *Jóias*; Marta Nolding, *Conteúdos filosóficos e educacionais dos cantares jogrescos na Idade Média*; José Bonifácio Câmara, *O centenário de Waldemar Falcão*; Gabriel Bittencourt, *Os últimos anos da administração portuguesa no Espírito Santo*; Geraldo Halfeld, *Sílvio Romero*.

Como se vê, a luso-brasilidade continua de muito boa saúde.

*

ACTAS DA II JORNADAS UFF DE CULTURA GALEGA (1995). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Núcleo de Estudos Galegos. Publicação da Xunta de Galicia (16 a 19 de maio de 1994).

São as seguintes as autoridades educacionais brasileiras responsáveis por essas II Jornadas: Prof. Manuel Pereira Leite de Almeida, Reitor da UFF; Prof^a Maria Regina Kopschitz de Barros, Diretora do Instituto de Letras; Prof^a Maria do Amparo Tavares Maleval, Diretora do Núcleo de Estudos Galegos. A Jornada dis-

tribuiu-se em 10 mesas-redondas, cujos temas foram os seguintes (vão em língua galega): As orixes históricas de Galicia; Trobadorismo galego-português e Neotrobadorismo galego; Presença de Galicia na poesia brasileira; Galicia na voz dos poetas; A diáspora galega na obra de Nélide Piñon; Aspectos do Galego: Testemunhos; o primeiro Rexurdimento galego: Rosalía de Castro; Trobadorismo galego-português: diversidades; Tradicións populares en Galicia.

Do nosso Instituto de Língua Portuguesa participaram com os seguintes trabalhos os professores: Antônio Geraldo da Cunha (O léxico medieval galego-português); Evanildo Cavalcante Bechara (A presença do galego nos estudos de língua portuguesa); Maximiano de Carvalho e Silva (O interesse pelos estudos galegos no Brasil: um testemunho); Sílvio Elia (A face galega do trovadorismo português).

A maior aproximação entre filólogos brasileiros e galegos se explica sem dificuldade, porque português e galego são irmãos gêmeos que só a separação política levou a superficiais diversificações.

*

TELES, Gilberto Mendonça (1996). *A escrituração da escrita: teoria e prática do texto literário*, Petrópolis, Vozes, 1996.

Gilberto Mendonça Teles é poeta inspirado e crítico literário arguto e competente. Por isso poesia e crítica se alternam em sua produção literária. Este livro que agora nos chega às mãos é disso claro exemplo. Se estamos em face de uma obra de alertado espírito crítico, também facilmente se percebe que é no espaço poético que ela melhor se realiza, mesmo quando o A. se volta para a escritura em prosa. Merecia sem dúvida recensão mais ampla; todavia, por ora, temos de limitar-nos à reprodução do *Sumário*, onde o leitor poderá dar-se conta das dimensões crítico-poéticas da obra gilbertiana. Ei-lo: Parte I – O lugar da Crítica e da História: Alguns problemas de teoria literária; Crítica e História; O processo da moderna poesia brasileira; O surrealismo na literatura brasileira; O lu(g)ar do sertão na poesia brasileira. Parte II – *A contemplação do poético*: "Ondula, ondeia, curioso e belo"; Do polichinelo ao arlequim; A experimentação na poesia; A utopia poética de Manuel Bandeira; O sentido das formas em Jorge de Lima; O discurso poético de Drummond; A viagem escritural de Abgar Renault; Fiat lux: ecce poesis. Parte III – *As margens da ficção*: Teoria do romance em Machado de Assis; História & Ficção; O andamento de *O Quinze*; A escrituração da escrita: uma leitura dos romances de Graciliano Ramos.

De destacar a importância da linguagem como forma de literariedade.

*

CONVERGÊNCIA LUSÍADA, revista do Real Gabinete Português de Leitura, nº 12, 1995, 278 p.

Reaparece, em nova fase, sob a presidência do Dr. Antônio Gomes da Costa, *Convergência Lusíada*, a veterana revista do Real Gabinete. O presente número é muito rico, quer pela quantidade quer pela qualidade da colaboração. A matéria do presente volume está assim distribuída: A) PÓRTICO: Um artista da palavra, Roberto Marinho: gratidão e estima (A. Gomes da Costa); B) VISÕES DA HISTÓRIA: Anotações ao estudo do infante D. Henrique (Maria Sonsoles Guerras Martin e Leila Rodrigues Roedel), a expansão marítima e a divisão do mundo (Hiran Roedel), Os primórdios do relacionamento de Portugal com o Japão (Sônia Regina Longhi Ninomiya), A carta de Pero Vaz de Caminha: a importância do seu estudo (Jaime Raposo Costa), O primeiro livro impresso no Brasil (A. Gomes da Costa, pesquisa de Maria Helena Varela), A ilha maravilhosa (Ettore Finazzi-Agrò), Primórdios do comércio de pau-brasil (Luiz Leite de Vasconcelos), Oliveira Martins e a arte de escrever a história (Paulo Franchetti); C) PERCURSOS PELO LITERÁRIO: O feminino no *Horto do Esposo* (Helder Godinho), A natureza brasileira segundo Fr. José de Santa Rita Durão e Garrett (Carlos d'Alge), Garrett, Machado de Assis e as opções impossíveis (Helder Macedo), Movimentos modernistas em Portugal e no Brasil: as revistas e os autores (João Alves das Neves), Fernando Pessoa: uma discursividade polifônica (Dionísio Vila Maior); D) LÍNGUA: A língua portuguesa e os seus dicionários (Mário Vilela); E) VIA MÍSTICA: A noite mística: senda da verdadeira fraternidade (Rodolfo Domenico Pizzinga e Ana Paula Magno Pinto); E) RELANCE SOBRE O TURISMO-CULTURA EM PORTUGAL: Aspectos do binômio turismo-cultura em Portugal (Belmiro Santos); F) REGISTRO: "a mulher e a palavra: vozes portuguesas e brasileiras": Mulheres portuguesas falam das relações Portugal-Brasil e da situação das mulheres em Portugal (Ana Vicente), Personagens femininas no teatro vicentino (Cleonice Berardinelli), O rosto e a casa (Mário Cláudio), Gilka Machado e as contradições do seu tempo (Sylvia Paixão), Guilhermina ou a liberdade é música (Maria Theresa Abelha Alves Marques), Afeitos, sobressaltos, cintilâncias, criaturas, escritas sem impostura (Lúcia Castelo Branco), Nove avisos: mulheres urgentes (Jorge Fernandes da Silveira), Cânone, mulher, silêncio e grito (Laura Cavalcante Padilha), Mulheres e revolução: a cultura marialva posta em questão (Teresa Cristina Cerdeira da Silva), Moradas Terceras (poesia de Heloísa Maranhão), D. Sebastião (poesia de Neide Archanjo); F – NOTÍCIÁRIO.

A nova fase de *Convergência Lusíada* é prova cabal de que, apesar dos pesares, a Comunidade Luso-Brasileira continua viva, atuante e florescente.

*

REVISTAS CIÊNCIAS HUMANAS, ano 18, nº 30, agosto 1995.

Ciências Humanas é publicação da Universidade Gama Filho. O presente número dedica-se primordialmente a estudos de Filosofia e História, como, para exemplo, a Fenomenologia de Merleau-Ponty (Maria da Penha F. S. de Carvalho), Paul Ricoeur e a Realidade Latino-Americana (Alino Lorenzon), A sociedade aberta em Stuart Mill (Ubiratan Borges de Macedo), entre outros. Destaque para o artigo "Ortodoxia e flexibilidade nos primórdios da ação jesuítica", da autoria do Dr. Arno Wehling, Diretor do nosso Instituto Luso-Brasileiro de História, com a colaboração da Prof^a Maria José Wehling e do Prof. Paulo Parente.

Revistas universitárias como esta são testemunhos da excelente saúde cultural das principais instituições de ensino superior do país.

*

UNILETRAS, nº 17, dezembro 1995, publicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Direção do Prof. Raul José Sozim.

Consta o presente número dos seguintes artigos e respectivos autores: O gerúndio em espanhol e português: estudo contrastivo e aplicações pedagógicas (Balbina Lorenzo Feijó Hoyos e Rafael Eugênio Hoyos Andrade), As funções da linguagem verbal em *Senhora dos Afogados*, de Nelson Rodrigues (Thereza Cristina Pusch), A linguagem dos meios de comunicação (Ana Rosa Gomes Cabello e Vera Lúcia Dietzel), Os séculos XIX e XX frente à Estilística (Márcia Zan Madalosso Vieira), Uma análise semiótica (Beatriz Helena Dal Molin), Análise de uma crônica segundo estratégias lingüístico-ideológicas (Clarice Nadir von Borstel), Transculturación em *Bairestop* (Mônica Serra), O teatro de Machado de Assis (Adazil Corrêa Santos), Post-colonial voices in J. M. Coetzee's *Foe* (Thomas Bonnici), Ironia: eis a questão (Jair Antônio de Oliveira), Elogios e respostas: uma taxionomia descritiva (Aduari Brezolin), Os intelectuais em Pierre Bourdieu e Gramsci (Fábio Aníbal Goiris), Desordenar uma biblioteca: comércio & indústria da leitura na escola (Miguel Sanches Neto), Misteriosa esfinge eslava (Helena Koldy).

Como se vê, Sumário muito rico e cheio de interesse.

*

REVISTA DA ANPOLL, 2, 1996.

ANPOLL é sigla da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística, no momento sob a presidência da Prof^a Dra. Sônia Maria van Dijck Lima, da Universidade Federal da Paraíba. Dando prosseguimento às atividades que colimam a realização dos objetivos para que foi criada, acaba de promover,

com pleno êxito, em João Pessoa, o XI Encontro Nacional da ANPOLL (02 a 06 de junho de 1996). Na oportunidade, foi lançado o 2º número da Revista, de aqui damos notícia. Destinou-se esse número a abrir espaço para a memória enquanto atributo humano passível de múltipla interpretação. Do nível alcançado pelos trabalhos apresentados dá bem a medida a relação constante do *Sumário*, que a seguir reproduzimos:

Afonso Henrique Fávero, *As memórias de Cyro dos Anjos*; Eduardo Guimarães, *Enunciação, Língua, Memória*; Ingedore Villaça Koch, *Cognição e processamento textual*; Konrad Koerner, *Questões que persistem em Historiografia Lingüística*; Leda Maria Braga Tomitch, *Individual differences in text organization perception and working memory capacity*; Lúcia Teixeira, *Arrufos na memória*; Marcus Maia, *Language and priming memory*; Margarete Axt, *Memória e período de aquisição: indo além da questão metodológica*; Maria Cristina Fernandes Salles Altman, *Memórias da Lingüística na Lingüística Brasileira*; Philippe Willemart, *Um conflito de memórias: a memória singular em luta com a memória cultural (leitura da Escola das Mulheres, de Molière)*; Renato de Mello, *A memória e a experiência com a linguagem: uma leitura de Enfance, de Nathalie Sarraute*. Segue-se um *Depoimento*, de Hildo Honório do Couto (Crioulística e Letras e Lingüística) e uma *Resenha*, de Margarida Maria Taddoni Petter (*O crioulo português da Guiné-Bissau*).

Como se vê, a ANPOLL continua trabalhando no sentido de um constante desenvolvimento dos estudos de sua área de pesquisa. E que assim prossiga são os votos dos que aramos o terreno fugidio da sementeira humanística.

Sílvio Elia

**

O operoso filólogo José Pedro Machado reuniu, com o título *Ensaio literários e lingüísticos* (Editorial Notícias, Lisboa, 1995), vários de seus artigos esparsos em revistas e jornais portugueses, todos de interesse para quem se dedica a estudar a sério a língua portuguesa e temas literários: *A carta proêmio do Marquês de Santilhana* (p.7-49), *O elogio de Francisco Adolfo Varnhagen por Oliveira Lima* (p. 50-92), *Uma carta de Gonçalves Dias sobre a língua portuguesa* (p. 93-100), *Uma proposta para a impressão do Cancioneiro do Colégio dos Nobres* (p. 101-112), *Origens do português do sul* (p. 113-131), *Notícia de "certos negros que estam de Calecut pera a banda do sull"* (p. 132-148), *Sete cartas do Prof. José de Sá Nunes* (p. 149-163), *Dicionários: alguns dos seus problemas* (p. 164-172), *O Dicionário da Academia Brasileira de Letras* (p. 173-183), *O meu mestre e amigo Antenor Nascentes* (p. 184-190), *"Esta he a linguagem de Calecut"* (p. 191-204), *"Como vais, você?" e como vamos nós por cá ?* (p. 205-207), *Camões sem renovação da língua portuguesa* (p.208-220), *Vale a pena pregar no deserto?* (p. 221-323), *Antônio de Moraes silva: notas biográficas* (p. 330-341), *Camões e a Mouraria* (p. 342-353), além de outros pequenos estudos de defesa da língua e de recordação de seus amigos e estudiosos, entre os quais está referência muito saudososa a Aurélio Buarque de Holanda (p. 299-300).

Move ao ilustre filólogo o fidelíssimo amor e devoção ao idioma pátrio e aos monumentos literários com que foram erigidos. Ao Professor José Pedro Machado somos-lhe gratos por esse amor e por sua devoção.

*

Com o título *Palavras a respeito de palavras: notas lexicais* (Editorial Notícias, Lisboa, 1992) reuniu o conhecido e competente filólogo português José Pedro Machado artigos publicados em revistas e jornais que versam sobre a história e particularidades de emprego contemporâneo de numerosas palavras de nosso léxico, bem como de nomes próprios, antropônimos e topônimos. A parte lexical propriamente dita (p. 71a 301), exposta em ordem alfabética, é precedida de considerações gerais sobre a confecção de dicionários com sua técnica e seus complexos problemas, a questão dos estrangeirismos e a presença da telenovela brasileira no cotidiano dos expectadores portugueses. De leitura amena e proveitosa, constitui o volume contribuição digna da atenção dos estudiosos, professores e utentes cultos da língua portuguesa, escrito por um dos grandes investigadores da lexicografia em Portugal.

*

De maneira gradual e correta, Antônio Martinez de Resende, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, preparou para os alunos de letras clássicas o

compêndio de elementos de latim intitulado *Latina essentia* (2ª ed./ Editora UFMG, 1996). De maneira simples, sem trair nem a complexidade gramatical nem a beleza estilística do idioma de Virgílio, vai A.M. de R. apresentando a seus alunos o sistema morfológico e sintático par a par, como sói acontecer com uma língua como o latim em que a forma dos lexemas nominais e pronominais está indissolivelmente relacionada à sua função na frase. O livro de A.M. de Resende, pela clara exposição, pela excelência da doutrina, pelo *quantum satis* das informações e pela apresentação material cuidada, está fadado a desempenhar importante missão para quem, nessa quadra de renovação dos estudos clássicos no Brasil, deseja de maneira séria e amena preparar-se para ler no original as jóias que a literatura latina encerra.

*

Os *Quaderni di Filologia e Lingue Romanze* (Roma, Università di Macerata, 1995) chegam ao número 10, sob a direção competente de Giulia Mastrangelo Latini, com excelente elenco de artigos dedicados especialmente a textos literários românicos. Dentre os trabalhos, todos de muito bom nível, chamam-nos a atenção o de Patrizia Onesta sobre "La similitudine farfalla-amante. Possibile indizio di una influenza della poesia d'amore arabo-andalusa su quella provenzale" (p. 5-24) e o de Uberto Malizia "Intorno di rapporto musica e poesia in *Can vei la lauzeta mover: uno studio formale*" (p. 25-41), além do breve, mas substancioso artigo da diretora dos Quaderni "Sulla poesia di Dante Pasquali" (p. 327-335). *Confluência* congratula-se com o entusiasmo e a competência revelados nessa trajetória cultural do órgão de pesquisas literárias e filológicas da Università di Macerata.

*

A mais que centenária casa editora alemã Max Niemeyer Verlag, antigamente de Halle e hoje radicada em Tübingen, ofereceu-nos um 1994 o volume VI,2 do *Lexikon der romanistischen Linguistik*, ainda em curso, dedicado ao domínio galego e Português (Tübingen, 1994, 692 páginas). O ambicioso projeto tem a direção de três romanistas da moderna geração, conhecidos por trabalhos de importância nesse domínio dos estudos lingüísticos. A editora alemã Karl J. Trübner publicou no século passado enciclopédias lingüísticas dedicadas ao grupo clássico, germânico, iraniano e românico. Deste último exerceu influência decisiva o *Grundriss der romanischen Philologie*, com duas edições, dirigido por Gustav Gröber com colaboração dos melhores romanistas da época, onde sobressaem os estudos do substrato lexical do chamado latim vulgar de Gröber, da relação latim e românico de Meyer-Lübke, a gramática histórica do português de Jules Cornu e a história da literatura portuguesa de Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Teófilo Braga, para só ficar nos estudos que tocam mais de perto à historiografia do português.

O *Lexikon* de hoje está programado para oito volumes-temas, repartidos em quatorze partes: as duas primeiras partes (ainda não saídas) tratarão de problemas histórico-científicos e de questões relativas a problemas gerais e metodológicos; as partes III e IV (ainda não saídas) estudarão a Romanística enquanto disciplina lingüística histórico-comparativa, especialmente a relação entre latim e língua românicas; as partes subsequentes de VI a XI tratam das línguas românicas numa visão sincrônica e diacrônica, nos diversos ramos das ciências lingüísticas (fonética, fonologia, morfologia, etc.). As partes finais versarão sobre contacto de línguas, migrações e tipologia. Encerrarão o *Lexikon* índices e indicações bibliográficas.

O *Lexikon* difere do *Grundriss* em vários aspectos: enquanto neste a língua era o alemão, naquele a língua varia com o colaborador, predominando o alemão e o português; o *Lexikon* investiga as línguas tanto sob o enfoque sincrônico quanto o diacrônico; os campos de interesse neste também são mais abrangentes do que no *Grundriss* e, por isso mesmo, a colaboração é menos extensa, e algumas o são por pagarem o preço do pioneirismo.

O volume que interessa mais de perto aos leitores da *Confluência* é, naturalmente, o dedicado ao galego e português; constitui o volume VI, 2, parte décima primeira do *Lexikon*. Fiquemos restritos, por amor à brevidade desta nota, à matéria relativa ao português. Os capítulos de fonética e fonologia e de entoação e prosódia estão a cargo de Jorge Morais Barbosa, de Coimbra (p. 130-148); a grafemática coube a Paul Teyssier, de Paris (p. 148-160); a flexão a Jaromír Tláškal, de Praga (p. 160-172); a formação de palavras a Mário Vilela, do Porto (p. 173-199); partículas e modalidades a Jürgen Schmidt-Radefeldt, de Rostock (p. 199-203); fraseologia a Christine Hundt, de Leipzig (p. 204-216); lexicologia e semântica a Mário Vilela (p. 216-232); morfo-sintaxe a Ana Maria Brito, do Porto (p. 233-240); sintaxe a Eberhard Gärtner, de Dresden (p. 241-270); lingüística textual a Elisabeth Rudolph, de Ahrensburg (p. 270-281); estilística a Wolfgang Roth, de Bochum/Osnabrück (p. 281-287); tipologia textual a Helmut Siepmann, de Aachen (p. 287-304); pragmatolinguística a J. Schmidt-Radefeldt (p. 304-308); língua falada e língua escrita a Michael Scotti-Rosin, de Mainz (p. 308-313); língua e meios de comunicação a M. S.-R. (p. 313-321); sociolingüística a Maria Fátima de Resende Matias, de Aveiro (p. 321-326); língua e gerações a Delmira Maças, de Lisboa (p. 327-332); língua e sexos a M. F. de R. Matias (p. 332-338); tecnoletos a Telmo Verdelho, de Aveiro (p. 339-355); gírias a Heinz Kröll, de Mainz (p. 355-366); diglossia e poliglossia a Helmut Berschin, de Giessen (p. 367-381); norma e língua-padrão a Dieter Woll, de Marburg (p. 382-398); língua e legislação a Maria Virgínia Machado Rego Metzeltin, de Viena (p. 399-429); conscientização e avaliação da língua portuguesa a Miguel Metzeltin, de Viena (p. 430-440); língua e literatura a Elisabeth Rudolph (p. 440-461); história externa da língua a Paul Teyssier (p. 461-472); língua e escrita a Otto Winkelmann, de Giessen (p. 472-498); evolução lingüística interna a Timo Riiho, de Helsínquia (p. 498-511); etimologia e história do léxico a Dieter Messner, de Salzburg (p. 511-517); antroponímia a Dieter Lremer, de Trier (p. 518-533), toponímia a D. Kremer (p. 534-544); dialetos e variedades regionais em Portugal a Heinz Kröll (p. 545-559); o português do Brasil a Sílvio Elia, do Rio de Janeiro (p. 559-575); a língua portuguesa na África a Jean-Michel Massa, de Rennes (p. 575-

584); variação lingüística a Matthias Perl, de Leipzig (p. 585-591); a língua portuguesa na Ásia a Giorgio Raimondo Cardona, falecido à saída do volume (p. 591-596); o português do sudeste da Ásia a Jean Caudmont, de Giessen (p. 597-609); o português em Sri-Lanka (Ceilão) a Christian Schmidt, de Bonn (p. 610-618); periodização a Dieter Messner (p. 618-623); lingüística variacional do português a Günter Holtus, de Trier (p. 623-649); gramaticografia a Dieter Woll (p. 649-672); lexicografia a Telmo Verdelho (p. 673-692).

Pelo extenso panorama temático percebe-se que o estudioso encontra aí matéria farta para aprender, refletir e aprofundar suas investigações.

*

A Demanda do Santo Graal, terceira parte do ciclo novelesco da Post-Vulgata da matéria de Bretanha ou literatura arturiana, tradução portuguesa do séc. XIII de texto francês desconhecido na íntegra, narra as façanhas prodigiosas dos cavaleiros da corte de Artur do reino de Logres em peregrinação para a busca ou demanda da taça (graal) de que se servira Jesus na última ceia e em que, depois de sua morte, José de Arimatéia recolheu as últimas gotas caídas do sangue sagrado. Segundo a lenda, quem chegasse a essa taça – cujo brilho intenso perturbava a visão dos pecadores – e dela se servisse, ficaria dotado de poderes sobrenaturais; para tanto, portanto, era necessário que o pretendente à façanha de posse tivesse mantido puros o corpo (contra as fraquezas da carne) e a alma, modelada pelo requinte da ascese. E esse predestinado foi o belo e imaculado mancebo Galaaaz, em torno de cuja figura gira a *Demanda*, embora fosse fruto de uma união pecaminosa – pois ambos eram solteiros – de Lançalot e de Amida, filha do Reis Peles. As aventuras cavaleirescas, descritas muitas vezes de maneira tão habilidosa e artística, que prenunciam artifícios e coloridos de textos posteriores da literatura ocidental, ressaltam, na essência, a busca do alimento espiritual e a prelibação da vida eterna. A *Demanda*, com todos os seus ingredientes de "boôs cavaleiros", da Távola Redonda, da "seeda (assento) perigosa" ocupada por Galaaaz, do Graal, do rei Artur, do Cervo Branco, da Besta Ladrador, do reino de Logres, põe em cena figuras e situações alegóricas que têm como endereço final as trilhas da santidade em busca da eliminação dos pecados; mais do que isso, testemunham a vontade e o poder de Deus – ainda que às vezes paradoxalmente apresentados aos olhos humanos – e a força do Espírito Santo nas ações e intenções desse "bicho da terra tam pequeno". Esses *leitmotive* de caráter religioso e ascético para doutrinação e conhecimento que marcam profundamente os *mirabilia* da novela, denunciam e patenteiam a enorme importância para a literatura das ordens religiosas na Idade Média.

Por quem peregrinam os cavaleiros de Artur é um inteligente e estimulante encaminhamento da leitura na demanda de pôr à luz as intenções mais apelativas das aventuras, e, para tanto, explicita os rituais que explicam e dão a relativa coesão e fundamento do texto da *Demanda*, na sua constante reelaboração de feição literária da doutrina cristã. Chega o leitor à conclusão de que os cavaleiros peregrinam

por si – na medida em que buscam a sua redenção – e por Deus, para merecerem o prêmio do acolhimento do Espírito Santo. Para tanto, envereda pela descrição e análise de cinco aventuras exemplares vividas e sofridas por Galaaz, Erec, Palamades, Lançalot e Galvam, todos na agonia da salvação.

Curiosamente coube a tarefa a uma mulher; e digo curiosamente, porque nos relatos do Graal a mulher desempenha papel secundário, e, quando aparece em cena, traz sempre o destino de induzir o homem à perdição, de macular-lhe o ideal cavaleiresco e de fragilizar-lhe as qualidades físicas e morais. Todavia aqui a Professora Doutora Lênia Márcia de Medeiros Mongelli, agasalhada aos preceitos de regra e compasso da sombra inspiradora de mestras do medievalismo português do porte de Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Fanny Bogdnow, aparece em cena apetrechada de boas fontes especializadas e do ensinamento de seus mestres universitários, para tecer, aproximar e explicar elementos narrativos extraídos da *Demanda*, de modo tal, que mesmo o leitor afastado da investigação acompanha com interesse a análise e aprende cedo a admirar esta jóia da prosa medieval portuguesa. O estilo vivo e a linguagem correta e adequada, além da competência que perpassa toda a obra, são fatores decisivos para que o presente livro – como outros já saídos de sua operosa capacidade de trabalho – não só garanta seu lugar na bibliografia atinente à *Demanda do Santo Graal*, mas também contribua para o reflorescimento dos estudos da Idade Média literária entre nós. Se o final da *Demanda* põe à luz a decadência do reino de Logres, a deterioração dos costumes e do ideal cavaleiresco e a conseqüente morte do rei Artur, um grupo jovem de professores universitários, arroteando a seara trabalhada por seus mestres, vem exercitando seu saber e sua inteligência, no afã de promover o interesse da Idade Média no Brasil e encontrando – praza aos Céus! – editores compromissados com ideal da Cultura

*

Incluídas nos *Acta Universitatis Conimbrigensis* competentemente dirigidos por Aníbal Pinto de Castro, saem duas edições críticas de textos da maior importância para várias áreas da cultura portuguesa e medieval. A primeira é *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, a 7ª edição, sob a competente preparação de Adelino de Almeida Calado (Universidade de Coimbra, Coimbra, 1991), primeira edição crítica entre as seis anteriores desde que saiu a *princeps*, em 1526. Nesta agora, o novo editor se preocupa em oferecer "um texto em que se alie o respeito pelas formas vocabulares arcaicas e a transcrição digna de confiança, de leitura fácil e segura, que permita aos historiadores e aos estudiosos da língua e da literatura a sua utilização sem um esforço suplementar de interpretação" (p. LIII).

A nova edição de Almeida Calado, onde o tradicional título de *Coronica* (ou *Crônica*) é substituído por *Estória* ("pois o próprio texto fornece elementos que justificam e sugerem o título que agora lhe atribuímos", adianta-nos o editor), vem precedido de uma substancial e longa Introdução, em que se estudam e discutem os problemas das seis edições anteriores (sem contar a reimpressão facsimilada da

1ª ed. pela Biblioteca Nacional de Lisboa, em 1969), do título, do manuscrito, da data da redação, de autoria, do texto (que envolve questões de gênese e estrutura da obra, biografia e história, perspectiva literária e aspectos lingüísticos e lexicais), das relações da *Estória de D. Nuno Alvrez Pereira* com Fernão Lopes, da presente edição crítica com referência ao texto-base, ao estabelecimento do texto crítico, à apresentação gráfica do texto e complementos. Chega-se ao final da Introdução com 195 páginas de densa matéria, tratada com alto espírito científico e conhecimento de causa. Rematam a presente edição um glossário e índices onomástico e toponímico.

Com o mesmo espírito científico e conhecimento de causa, Adelino de Almeida Calado preparou o *Livro da Virtuosa Benfeytoria* (Universidade de Coimbra, Coimbra, 1994), do Infante D. Pedro, e co-autoria de Frei João Verba. Esta é a primeira edição crítica do *Livro* dentre as quatro anteriores, todas saídas no Porto, a 1ª em 1910, devida ao então conservador da Real Biblioteca Pública Municipal, José Pereira de Sampaio; a 2ª em 1940, ao cuidado do então diretor da mesma Biblioteca Municipal, Joaquim Costa, que, em 1946 – mas terminada no ano seguinte – publica a 3ª edição, e a 4ª, com introdução e revisão de Manuel Lopes de Almeida.

Como bem disse Paulo Merêa, num estudo dedicado ao *Livro*, em 1919, trata-se de obra que encerra "manancial inesgotável" e, mais recentemente, em trabalho de 1965, o Pe. Diamantino Martins, em referência à riqueza da obra, "está ainda por explorar, na sua maior parte".

Também em alentada Introdução, Adelino de Almeida Calado refere-se ao "estado da questão", aludindo ao progresso do melhor conhecimento da obra e de manuscritos; à questão do título, pois, em alguns manuscritos quatrocentistas ou vem sem titulação ou com a especificação de *tratado*; à gênese do texto, sua estrutura, objetivos, a co-autoria – já que nas edições anteriores a obra é exclusivamente atribuída ao infante D. Pedro, deixando no esquecimento as próprias informações do escritor real; à tradição manuscrita, com o elenco dos manuscritos, entre os quais Almeida Calado elege o de Madrid para servir de texto-base da sua edição crítica por apresentar só ele quatro características que não se repetem todas nos manuscritos de maior validade: é um texto próximo da conclusão da obra; é um texto produzido com muito provável supervisão dos autores; é um texto completo e, por fim, apresenta o mais baixo nível de erros; aos critérios da edição crítica. Remata a presente edição um índice onomástico e outro antroponímico. Ficamos todos a dever ao Dr. Adelino de Almeida Calado estas duas edições, fontes seguras e estímulos permanentes para novas pesquisas e investigações.

*

Um bom costume de universidades estrangeiras que, introduzido em universidades brasileiras não faria mal, é o de se publicarem guias de estudo de cada disciplina constante do plano curricular vigente, de modo que o professor nesses guias justifica a presença da disciplina entre as demais existentes, mormente entre as que

lhes são mais próximas, o programa a ser cumprido, os objetivos a serem atingidos, finalizando por uma extensa bibliografia de cada assunto ou unidade do programa, assinalando-se os livros e artigos de leitura indispensável, sem cujo perfeito conhecimento não estaria satisfatória a preparação do alunado. Por sua parte, o aluno, mesmo antes de cursar a disciplina, tem informação suficiente de todos seus pormenores e, antes do início do ano letivo ou durante o seu desenvolvimento, não estará tão desorientado em questões fundamentais de sua formação profissional e/ou enriquecimento cultural. O tema é de tal importância que a notáveis mestres, a titulares respeitáveis, ou a equipes de comprovada respeitabilidade no seio acadêmico, se atribui a tarefa da elaboração de tais guias de estudo. Para um só exemplo de trabalho de maior abrangência, quero citar a *Guida alla scelta della Facoltà universitaria*, preparada pelo conhecido linguista italiano Tullio De Mauro; tenho em mãos a 7ª ed. de 1994, publicada por il Mulino, e seguida de outros guias específicos para cada curso, sendo que o dedicado a Letras e Filosofia saiu sob a responsabilidade de outro excelente especialista, o romanista Alberto Vãrvaro.

Numa dimensão naturalmente bem menor, muito menos complexa e para um público não universitário, já houve na educação do Brasil – quando o Ministério competente era mesmo competente e educação era tratada com seriedade – publicações oficiais em que vinha relacionado o programa do curso secundário, dividido pelas séries e aí pelas unidades a serem ministradas, precedidas de instruções metodológicas para orientação das atividades do professor, redigidas por autoridades na matéria. As de língua portuguesa eram redigidas pelo Prof. Sousa da Silveira. Mas isso era no tempo em que as provas parciais (4 anuais) tinham ponto sorteado na hora da prova, com a presença do Sr. Inspetor Federal, representante do Ministério, sem cuja assistência não eram essas provas realizadas. No colégio de subúrbio, humilde mas com competentes professores, nosso Inspetor Federal, por uns tempos, foi, nada mais nada menos, Graciliano Ramos. Hoje ...

Tais considerações se devem ao fato de termos recebido, quase ao fechar este número de *Confluência*, o *Guia de estudo* elaborado pela titular da disciplina, Profª Doutora Clarinda de Azevedo Maia, da Universidade de Coimbra, especificamente sobre *História da Língua Portuguesa*, que integra a coleção *Textos Pedagógicos e Didáticos*, editado pelo Gabinete de Publicações da Faculdade de Letras de Coimbra, 1995 (107 p.). Trata-se de uma exposição metódica e aprofundada do programa dessa disciplina, escrita por uma titular que, além de publicações que já a impuseram no meio acadêmico português e internacional, conta com larga experiência à frente da disciplina. O presente *Guia* consta de quatro capítulos: enquadramento da disciplina no plano curricular vigente, o programa, a metodologia e conteúdos programáticos com relação dos apoios bibliográficos.

Cumpra lembrar que tais guias resultam, como o presente, de relatórios apresentados pelos docentes quando de suas provas de agregação à Universidade. Temos, para só ficar na disciplina *História da Língua Portuguesa*, dois excelentes relatórios, elaborados um pelo Doutor Ivo Castro, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, outro pelo Doutor Telmo Verdelho, da Faculdade de Letras da Universidade de Aveiro.

Estão aí três bons guias de estudos universitários que prestarão, tenho a certeza, excelentes subsídios a docentes e alunos brasileiros, principalmente agora, como bem lembra Clarinda de Azevedo Maia, "que a consideração histórica das línguas volta a estar em primeiro plano na investigação lingüística e recebe um novo impulso da abertura para novas problemáticas, compete aos docentes que trabalham nesta área disciplinar praticar e transmitir uma linguística histórica renovada, com novos métodos, com novas idéias e com novas técnicas" (p. 8).

*

No volume 1º da *Confluência*, (1º sem. de 1991), p. 102-104, tivemos o grato prazer de resenhar a tese de doutoramento de Frits Smulders, apresentada à Universidade Católica de Nimega, Holanda, e que teve como orientador o abalizado estudioso do Padre Antônio Vieira, o Prof. José van den Besselaar, catedrático da referida Universidade e doutor *honoris causa* da Universidade Federal Fluminense. A tese é a ele dedicada: *magister vitae et scholae*. Tratava-se de um exemplar datilografado de LXVIII + 375 + XXII páginas, na qual F. Smulders nos apresenta a primeira edição crítica do *Sermão pelo bom sucesso das armas contras as de Holanda*, com introdução e comentários em inglês, Middelburg, 1989. Neste primeiro semestre de 1996 a Europäischer Verlag der Wissenschaften Peter Lang (Frankfurt am Main) oferece-nos em cuidada apresentação tipográfica esta edição crítica (LXVI + 370 páginas), o que torna mais acessível o trabalho de F. Smulders aos estudiosos de Vieira, que podem consultar um texto fidedigno com rico aparato crítico. Às observações feitas na resenha de 1991, desejo apenas acrescentar uma nota acerca das formas em *-es* por *-des* que às vezes Vieira (e outros contemporâneos) utiliza para a 2ª pess. do pl. do fut. do subjuntivo e infinitivo flexionado: "Mas só vos digo e vos lembro uma cousa: que se me *buscares* amanhã, que me não haveis de achar (...)" (p. 168 §§ 410-415). Smulders, com razão, condena os editores que substituem *buscares* por *buscardes*, acha, entretanto, que Vieira passa o tratamento ao Senhor de *vós* para *tu*, de 2ª pl. para 2ª singular (p. 68 n. 208). É difícil aceitarmos essa explicação, sem paralelo no grande orador. Creio que o que há é a frequente anternância de *-des* por *-es* nessas formas verbais, como assinala Said Ali, na *Gramática Histórica*, 2ª ed., p. 140. Vieira ou na mesma página ou em páginas muito próximas alterna a forma plena *-des* e a forma *-es*; foi a necessidade ou conveniência, no tratamento cerimonioso, de distinguir a 2ª do plural da 2ª do singular que pôs fim a tendência da eliminação da *dental*, conforme lição de Said Ali.

Evanildo Bechara
